

VERA PAMPLONA – CORPO COSMOS

Uma célula está para um corpo
assim como esse corpo
está para o Universo

Poderia a Arte ser uma maneira de filosofar? – digo, uma maneira de pensar a partir de abstrações formalizadas numa coisa (o tal objeto artístico), onde a visão de mundo de um ser (a/o artista) sobre temas essenciais e ontológicos (existência, finitude, natureza, relações humanas, alegria, tristeza) pode gerar no/a outro/a um questionamento e/ou experiência?

Sem presunção ou ingenuidade, dada a descrença no saber e na partilha desse saber nos tempos atuais, as semelhanças entre estas duas formas de expressão do raciocínio humano são várias; mas claro que não são todas as manifestações artísticas que podem ter essa dimensão. A maioria, e penso que é natural que assim seja, não consegue escapar do senso comum e mesmo reproduzi-lo. Uma provável condição para que o trabalho artístico atinja essa capacidade questionadora e nos afete, em sentido filosófico, é se debruçar sobre um assunto ou tema essencial, mesmo que as vezes não se deem conta disso¹. Não é a consciência do animal racional, como nos definiu Aristóteles, que deve predominar, mas uma ampliação do conceito: a ação do pensamento do animal racional e sensível sobre a matéria, em conjunto mais com a ética em relação a si e ao objeto que se desvela diante dele.

. . .

Vera Pamplona tem no corpo seu tema². Notadamente seu próprio corpo e o corpo das mulheres. Ao longo do tempo de convivência com seus trabalhos, que abrangem um arco temporal de mais de cinquenta anos, isto foi ficando evidente e era o eixo estruturante da exposição. Mas o tempo é algo danado! – que nos envolve e nos leva para outras complexidades. Esse tempo, o tempo da vida, foi indicando que esta exposição que requereria um caráter retrospectivo tornou-se especulativa, propositiva, processual. Porquê? Por algo essencial: o trabalho de Vera Pamplona é um trabalho vivo.

. . .

Neste caráter essencial, ontológico, duas derivações do “eixo corpo” se definiram. A primeira remete a separação arcaica entre pessoas e coisas (o binômio *res cogitans* – *res extensa*, respectivamente) que estrutura o pensamento ocidental e o subjugava ao racionalismo extremado (talvez fosse desnecessário dizer que ele é um dos pilares do escravismo; penso que é necessário). Neste nosso tempo, o contemporâneo, o embate pessoa-coisa apresenta uma alternativa, uma rota de escape³, que é justamente o corpo. Nem pessoa pensante, enquanto *res cogitans*, nem da ordem da *res extensa*, o corpo torna-se elemento de ligação num mundo em conflito ou fragmentação e onde o real não estrutura nossa visão de mundo e assume aspectos esquisitos por seu excesso de realidade.

¹ Referência ao texto “Vera Pamplona – Corpo, presente ou Apontamentos para a compreensão de uma ausência”. Disponível em www.verapamplona.com

² *idem*

³ Espósito, Roberto – As pessoas e as coisas, Rafael Copetti editor ltda, São Paulo, 2016

O segundo ponto remete ao espaço de ação ou de agência dos corpos. É esse universo real e sua configuração hesitante entre micro e macro que Vera procura estabelecer através da interação entre o corpo e as coisas do mundo. Ela recorre às formas análogas, por exemplo, entre os entes vegetais (árvores de manguezais) e a ossatura humana, além das intervenções do mundo tecno-científico das próteses que formam os entes orgânicos-maquínicos que nos tornamos.

. . .

Os trabalhos desta exposição não obedecem uma ordenação cronológica nem de linguagem artística. Pinturas convivem com esculturas que dialogam com desenhos, com fotos, com frases escritas, com papéis soltos no espaço. Os corpos dos visitantes, as obras e o espaço expositivo são uma pequena reprodução do universo ou cosmos. As interações constelares, gravitacionais, suas influências, ocorrem no aparente caos. Trata-se, porém, de uma harmonia à qual vamos nos habituar. Uma harmonia de um sistema complexo e belo ordenado pelo corpo e mente da artista.

. . .

À maneira de um post-scriptum

O modo como Vera Pamplona vai da pintura (as obras das décadas de 70/80/90) para uma depuração que se vincula ao desenho e aos experimentos com a tridimensionalidade, valendo-se de materiais e abordagens diversas e experimentais, me fazem pensar em uma síntese formal. Não creio que caibam análises sobre cada trabalho exposto de maneira individualizada; para isso o site faz um papel melhor e mais completo⁴. Prefiro que os visitantes possam se conectar com as experimentações que Vera nos proporcionou e configurarem suas experiências.

Por fim, gostaria de agradecer a família Pamplona, em especial à Lucila, por seu acolhimento, trocas e confiança.

Na última visita ao ateliê de Vera para a escolha final das obras, eu e Marcia comentamos com Lucila sobre os livros que estavam ali. De pronto ela nos ofertou dois nos quais demonstramos interesse. Quando as obras chegaram à Casa Contemporânea os livros estavam junto. No exemplar, com várias anotações, de "Esculpir o tempo", de Andrei Tarkovski, havia duas resenhas de jornal sobre o livro. Elas estavam entre as páginas, algo que também costumo fazer. Algumas conexões são incompreensíveis. E por isso belas.

Marcelo Salles

⁴ Ver nota 1